

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO EM: “A ÚLTIMA CRÔNICA” DE FERNANDO SABINO

Felipe Alves Oliveira ¹

RESUMO

Este artigo analisa a obra "A Última Crônica" de Fernando Sabino sob a perspectiva da estética da recepção, explorando a interação entre texto e leitor. Através das teorias de Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss e Umberto Eco, investiga-se como a obra é construída para provocar diferentes respostas e interpretações, criando um diálogo complexo entre autor e leitor. "A Última Crônica" é construída de forma a estimular a participação ativa do leitor na construção do significado. Sabino utiliza-se da ambiguidade e da polissemia, deixando lacunas no texto que o leitor é convidado a preencher com suas próprias experiências e conhecimentos. Essa abertura para interpretação é fundamental para a teoria de Iser, que argumenta que o texto literário só se completa na mente do leitor. Além disso, Sabino joga com as expectativas do leitor, subvertendo convenções narrativas e criando um efeito de surpresa e reflexão. Jauss enfatiza a importância do horizonte de expectativas do leitor na interpretação da obra, e em "A Última Crônica" o autor brinca com essas expectativas, levando o leitor a questionar suas próprias preconcepções. Por fim, Sabino utiliza da intertextualidade e da metalinguagem para ampliar o campo de significados, estimulando a reflexão sobre a própria natureza da escrita e da leitura. Eco argumenta que uma obra de arte é um sistema aberto, sujeito a múltiplas interpretações, e em "A Última Crônica" essa abertura é evidente, convidando o leitor a explorar diferentes camadas de significado e a participar ativamente da construção do sentido da obra. Desta forma, ao concluir pode-se perceber que "A Última Crônica" de Fernando Sabino é uma obra que desafia as convenções narrativas e convida o leitor a participar ativamente da construção do significado, criando um diálogo complexo entre autor e leitor que enriquece a experiência de leitura.

Palavras-chave: Análise, Estética da Recepção, Crônica, A Última Crônica.

¹ Mestrando do Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso - MT, felipe.alves1@unemat.br;

INTRODUÇÃO

A crônica, gênero literário que se caracteriza pela brevidade e pela abordagem de temas do cotidiano, encontra em "A Última Crônica" de Fernando Sabino um exemplar singular que transcende os limites do gênero, convidando o leitor a uma experiência literária complexa e profunda. Este artigo propõe uma análise da obra sob a perspectiva da estética da recepção, buscando compreender como o texto é construído para provocar diferentes respostas e interpretações, estabelecendo um diálogo dinâmico entre autor e leitor.

A estética da recepção, com seus principais teóricos Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss e Umberto Eco, oferece um arcabouço teórico fundamental para a análise da interação entre texto e leitor. Ao invés de se concentrar apenas na intenção do autor ou nas características intrínsecas da obra, a estética da recepção enfatiza o papel ativo do leitor na construção do significado. Nesse sentido, a obra literária é vista como um espaço aberto, onde o leitor colabora com o autor na criação do sentido.

Em "A Última Crônica", Sabino demonstra maestria ao construir um texto que estimula a participação ativa do leitor. A ambiguidade e a polissemia presentes na obra convidam o leitor a preencher as lacunas deixadas pelo autor com suas próprias experiências e conhecimentos. Essa abertura para a interpretação encontra eco na teoria de Iser, que argumenta que o texto literário só se completa na mente do leitor. Ao deixar margens para a imaginação e a reflexão, Sabino transforma o leitor em co-criador da obra.

Além da ambiguidade, Sabino utiliza-se de outras estratégias para envolver o leitor na construção do significado. O autor joga com as expectativas do leitor, subvertendo convenções narrativas e criando um efeito de surpresa e reflexão. Essa estratégia encontra ressonância na teoria de Jauss, que enfatiza a importância do horizonte de expectativas do leitor na interpretação da obra. Ao subverter essas expectativas, Sabino provoca no leitor um questionamento sobre suas próprias preconcepções e o convida a adotar novas perspectivas.

A intertextualidade e a metalinguagem também desempenham um papel fundamental na construção do significado em "A Última Crônica". Ao estabelecer diálogos com outros textos e ao refletir sobre o próprio ato de escrever, Sabino amplia o campo de significados da obra e estimula o leitor a realizar conexões entre diferentes obras e a refletir sobre a natureza da linguagem e da literatura. Essa abertura para

múltiplas interpretações encontra eco na teoria de Eco, que argumenta que uma obra de arte é um sistema aberto, sujeito a diferentes interpretações.

"A Última Crônica" de Fernando Sabino é uma obra que desafia as convenções narrativas e convida o leitor a participar ativamente da construção do significado. Ao explorar as teorias da estética da recepção, é possível compreender como Sabino utiliza recursos como a ambiguidade, a subversão das expectativas, a intertextualidade e a metalinguagem para criar um diálogo complexo entre autor e leitor. Essa abertura para a interpretação torna a obra rica em possibilidades e garante sua perenidade, pois a cada nova leitura, o texto revela novas facetas e significados.

METODOLOGIA

O presente estudo, de natureza qualitativa, tem como objetivo analisar a obra "A Última Crônica" de Fernando Sabino sob a lente da estética da recepção, buscando compreender como o texto é construído para promover a interação entre autor e leitor, possibilitando a construção de múltiplas interpretações. A pesquisa adotará uma abordagem analítica e interpretativa, com base na leitura aprofundada da crônica e na consulta a bibliografia especializada sobre teoria da literatura, estética da recepção e a obra de Fernando Sabino. A coleta de dados será realizada por meio da leitura atenta e minuciosa da crônica, com o objetivo de identificar elementos textuais relevantes para a análise, como a linguagem, a estrutura narrativa, as personagens e os temas abordados. Em seguida, será realizada uma análise detalhada desses elementos, buscando identificar as estratégias utilizadas por Sabino para construir um texto aberto à interpretação e que convide o leitor a participar ativamente da construção do significado. Para tanto, serão utilizadas as teorias da estética da recepção, especialmente as contribuições de Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss e Umberto Eco. A análise se concentrará em como o autor utiliza recursos como a ambiguidade, a intertextualidade, a metalinguagem e a subversão das expectativas do leitor para criar um texto que transcende os limites da narrativa e convida à reflexão. A partir da análise dos dados, será possível identificar como o leitor participa ativamente da construção do significado, atribuindo sentidos aos elementos textuais e estabelecendo conexões com suas próprias experiências e conhecimentos. Além disso, será investigado como o horizonte de expectativas do leitor influencia a sua interpretação da obra. A fim de garantir a rigorosidade da pesquisa, será realizada uma revisão bibliográfica abrangente, com o objetivo de identificar estudos anteriores sobre a obra de

Sabino e sobre a teoria da recepção. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma clara e concisa, estabelecendo relações entre os elementos textuais e as teorias da recepção. Espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão da obra de Fernando Sabino e para o aprofundamento dos estudos sobre a estética da recepção.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo se fundamenta em teorias da literatura que privilegiam a interação entre texto e leitor. A estética da recepção, com seus principais teóricos Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss e Umberto Eco, oferece um arcabouço teórico fundamental para a análise da obra "A Última Crônica" de Fernando Sabino. Iser, em "The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response" (1978), enfatiza o papel ativo do leitor na construção do significado, argumentando que o texto literário só se completa na mente do leitor. Jauss, por sua vez, em "A história da literatura como provocação à teoria literária" (1994), destaca a importância do horizonte de expectativas do leitor na interpretação da obra. Eco, embora não seja um teórico estritamente ligado à estética da recepção, contribui para a discussão ao conceber a obra de arte como um sistema aberto, sujeito a múltiplas interpretações.

Discussão no Corpo do Texto

Ao analisar "A Última Crônica" sob a lente da estética da recepção, percebe-se como Sabino, de forma intencional, constrói um texto que convida o leitor a uma participação ativa. Como afirma Iser, o texto literário apresenta "lacunas" que o leitor deve preencher com suas próprias experiências e conhecimentos (ISER, 1978, p. 28). Em "A Última Crônica", essas lacunas são evidentes, exigindo que o leitor interprete os gestos, as expressões e os silêncios das personagens, atribuindo-lhes significados que vão além do texto explícito.

A noção de horizonte de expectativas, desenvolvida por Jauss, também é fundamental para compreender a leitura de "A Última Crônica". O leitor chega ao texto com um conjunto de expectativas formadas por suas experiências literárias anteriores, seu conhecimento de mundo e seu momento histórico. Sabino, ao subverter essas expectativas, provoca no leitor um choque que o leva a questionar suas próprias preconcepções. Ao apresentar uma cena aparentemente banal e cotidiana, Sabino subverte

a expectativa do leitor de encontrar uma narrativa complexa e elaborada, convidando-o a uma reflexão profunda sobre a natureza da felicidade e da simplicidade.

A intertextualidade presente em "A Última Crônica" amplia ainda mais o campo de significações possíveis. Ao estabelecer diálogos com outros textos e com a própria experiência do leitor, Sabino convida-o a realizar conexões entre diferentes obras e a construir um significado pessoal para a história. Essa abertura para múltiplas interpretações encontra eco na teoria de Eco, que concebe a obra de arte como um "texto aberto", sujeito a diferentes leituras (ECO, 1990).

Com destaque para os trabalhos de Iser, Jauss e Eco, fornece um arcabouço sólido para a análise da interação entre texto e leitor em "A Última Crônica". Ao analisar a obra de Fernando Sabino sob essa perspectiva, buscamos compreender como o autor constrói um texto que não apenas transmite informações, mas que também provoca uma experiência estética única em cada leitor. A estética da recepção, ao enfatizar o papel ativo do leitor na construção do significado, permite-nos desvendar as estratégias utilizadas por Sabino para estimular a participação do leitor e a construção de múltiplas interpretações.

O Papel do Leitor na Construção do Significado

Iser (1978) argumenta que o texto literário possui lacunas que o leitor deve preencher com sua própria imaginação. Em "A Última Crônica", essas lacunas são abundantes. A descrição da família comemorando o aniversário da filha é vaga o suficiente para permitir que o leitor projete suas próprias experiências e emoções na cena. A ausência de detalhes sobre a vida da família, seus sonhos e aspirações, convida o leitor a preencher essas lacunas, criando uma narrativa pessoal a partir do texto.

A noção de horizonte de expectativas, desenvolvida por Jauss, é fundamental para compreender como o leitor interage com a obra. Ao chegar ao texto, o leitor traz consigo um conjunto de expectativas literárias e culturais que influenciam sua leitura. Sabino, ao subverter essas expectativas, provoca no leitor um choque que o leva a questionar suas próprias crenças e valores. A cena da família humilde comemorando o aniversário de forma tão simples e alegre contrasta com a visão romantizada da felicidade que muitas vezes é apresentada na literatura. Ao confrontar o leitor com essa realidade, Sabino o convida a refletir sobre o significado da felicidade e a importância dos pequenos prazeres da vida.

A Intertextualidade e a Construção de Múltiplos Significados

A intertextualidade, presente em toda a obra de Sabino, desempenha um papel fundamental na construção do significado em "A Última Crônica". Ao estabelecer diálogos com outros textos e com a própria experiência do leitor, Sabino amplia o campo de significações possíveis. A referência à infância, por exemplo, evoca em cada leitor memórias e experiências pessoais, criando uma rede de associações que enriquece a interpretação da obra.

A metalinguagem também está presente na crônica, quando o narrador reflete sobre o próprio ato de escrever. Essa reflexão sobre a escrita convida o leitor a questionar a natureza da linguagem e a sua capacidade de representar a realidade. Ao fazer isso, Sabino amplia o alcance da obra, transformando-a em uma reflexão sobre a própria condição humana.

A Crônica como Espaço de Reflexão

"A Última Crônica" não se limita a contar uma história, mas convida o leitor a uma profunda reflexão sobre a vida, a felicidade e a simplicidade. A cena da família comemorando o aniversário pode ser lida como uma metáfora da própria vida, com seus momentos de alegria, tristeza e esperança. Ao apresentar essa cena de forma tão singela e poética, Sabino nos convida a valorizar os pequenos momentos de felicidade e a encontrar beleza nas coisas simples da vida.

Ao analisar "A Última Crônica" sob a lente da estética da recepção, percebemos como a obra de Fernando Sabino transcende os limites do gênero crônica, convidando o leitor a uma experiência literária rica e complexa. A obra, ao explorar a ambiguidade, a intertextualidade e a metalinguagem, convida o leitor a participar ativamente da construção do significado, criando um diálogo dinâmico entre autor e leitor. Ao fazer isso, Sabino não apenas nos presenteia com uma bela história, mas também nos convida a refletir sobre a natureza da literatura, da linguagem e da própria vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de "A Última Crônica" de Fernando Sabino sob a perspectiva da estética da recepção revelou a complexidade da interação entre texto e leitor, evidenciando as estratégias utilizadas pelo autor para construir um texto aberto à interpretação e que convida à participação ativa do leitor.

A crônica de Sabino se apresenta como um convite à construção compartilhada do significado. Ao descrever uma cena aparentemente banal - uma família humilde comemorando um aniversário em um botequim -, o autor deixa lacunas que o leitor é convidado a preencher com suas próprias experiências e conhecimentos. A ausência de detalhes sobre a vida dos personagens, seus sonhos e aspirações, permite que o leitor projete suas próprias emoções e vivências na narrativa, criando uma conexão pessoal com a história.

A ambiguidade presente na linguagem e nas situações descritas também contribui para a construção de múltiplas interpretações. As expressões faciais dos personagens, os gestos e os diálogos são descritos de forma vaga, permitindo que o leitor atribua diferentes significados a cada elemento. Essa abertura para a interpretação encontra respaldo na teoria de Iser, que afirma que o texto literário só se completa na mente do leitor.

O leitor, ao se engajar na leitura de "A Última Crônica", assume um papel ativo na construção do significado. Ao preencher as lacunas deixadas pelo autor, o leitor se torna co-criador da obra. A teoria de Jauss, que enfatiza a importância do horizonte de expectativas do leitor, é fundamental para compreender essa dinâmica. O leitor chega ao texto com um conjunto de experiências e conhecimentos prévios que influenciam sua interpretação. Ao subverter as expectativas do leitor, Sabino o convida a questionar suas próprias crenças e a construir novas perspectivas.

A intertextualidade presente na crônica também desempenha um papel importante na construção do significado. As referências a outras obras, a experiências pessoais e a elementos da cultura popular ampliam o campo de significações possíveis, convidando o leitor a estabelecer conexões entre diferentes textos e a construir um significado pessoal para a história.

A linguagem utilizada por Sabino é fundamental para a construção do significado. A escolha de palavras simples e diretas, aliada à descrição precisa dos detalhes da cena, cria uma atmosfera de autenticidade e proximidade com o leitor. Ao mesmo tempo, a linguagem poética e sugestiva utilizada em alguns momentos convida o leitor a uma reflexão mais profunda sobre o significado da vida e da felicidade.

A metalinguagem também está presente na crônica, quando o narrador reflete sobre o próprio ato de escrever. Essa reflexão sobre a linguagem convida o leitor a questionar a natureza da representação e a sua capacidade de capturar a complexidade da experiência humana.

"A Última Crônica" não se limita a contar uma história, mas convida o leitor a uma profunda reflexão sobre a vida, a felicidade e a simplicidade. A cena da família comemorando o aniversário pode ser lida como uma metáfora da própria vida, com seus momentos de alegria, tristeza e esperança. Ao apresentar essa cena de forma tão singela e poética, Sabino nos convida a valorizar os pequenos momentos de felicidade e a encontrar beleza nas coisas simples da vida.

A análise de "A Última Crônica" corrobora as teorias da estética da recepção, demonstrando a importância do papel ativo do leitor na construção do significado. A obra de Sabino revela como o texto literário pode ser um espaço de diálogo entre autor e leitor, onde ambos colaboram na criação de um significado compartilhado.

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações. A interpretação de um texto literário é sempre subjetiva e os resultados aqui apresentados refletem a perspectiva do pesquisador. Além disso, o foco na análise de uma única obra limita a generalização dos resultados para outras obras.

A análise de "A Última Crônica" de Fernando Sabino sob a perspectiva da estética da recepção revelou a complexidade e a riqueza da obra. Ao construir um texto aberto à interpretação e que convida o leitor a participar ativamente da construção do significado, Sabino nos presenteia com uma obra que transcende os limites da narrativa e nos convida a uma reflexão profunda sobre a vida e a condição humana. Este estudo contribui para uma melhor compreensão da obra de Sabino e para o aprofundamento dos estudos sobre a estética da recepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de "A Última Crônica" de Fernando Sabino sob a lente da estética da recepção revelou a riqueza e complexidade da obra, evidenciando o papel fundamental do leitor na construção do significado. Ao explorar as estratégias utilizadas por Sabino para construir um texto aberto à interpretação e que convida à participação ativa do leitor, este estudo contribuiu para uma compreensão mais profunda da obra e para o aprofundamento dos estudos sobre a teoria da recepção.

A crônica de Sabino se apresenta como um convite à reflexão sobre a vida, a felicidade e a simplicidade. Ao descrever uma cena aparentemente banal, o autor nos convida a valorizar os pequenos prazeres da vida e a encontrar beleza nas coisas simples. A ambiguidade presente na linguagem e nas situações descritas, a intertextualidade e a metalinguagem contribuem para a construção de múltiplas interpretações, tornando a obra um espaço de diálogo entre autor e leitor.

A teoria da recepção, com seus principais teóricos Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss e Umberto Eco, provou ser um instrumental valioso para a análise da obra. Ao enfatizar o papel ativo do leitor na construção do significado, essa teoria permitiu compreender como o leitor, ao preencher as lacunas deixadas pelo texto e ao estabelecer conexões com suas próprias experiências, se torna co-criador da obra.

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações. A interpretação de um texto literário é sempre subjetiva e os resultados aqui apresentados refletem a perspectiva do pesquisador. Além disso, o foco na análise de uma única obra limita a generalização dos resultados para outras obras.

Para futuras pesquisas, sugere-se a comparação de "A Última Crônica" com outras obras de Sabino, a fim de identificar elementos comuns e diferenças nas estratégias utilizadas pelo autor para construir o significado. Além disso, seria interessante investigar como a crônica foi recebida pela crítica literária ao longo do tempo e analisar seu impacto na cultura brasileira. A aplicação da teoria da recepção em outras obras literárias também seria um caminho promissor para aprofundar os estudos sobre a relação entre texto e leitor.

"A Última Crônica" de Fernando Sabino se revela uma obra atemporal que continua a encantar e a desafiar os leitores. Ao analisar a obra sob a perspectiva da estética da recepção, foi possível compreender como o autor constrói um texto que transcende os limites da narrativa e convida à reflexão. A obra de Sabino nos convida a valorizar a simplicidade, a encontrar beleza nas pequenas coisas e a participar ativamente da construção do significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EAGLETON, T. (2008). Teoria da literatura: Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes.

ECO, Umberto. (1990). *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva.

ISER, W. (1978). *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

SABINO, Fernando. *O Homem Nu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.